

Trópico

Metamorfoses de uma cidade

O que um fotógrafo busca à noite que não consegue ver durante o dia? Cássio Vasconcellos retoma elementos da cidade de São Paulo que não se revelam à luz natural. Com apenas uma câmera de polaroid SX-70 e um holofote com filtro colorido arrastado dentro de um carrinho de supermercado, que lançava luz para o alto, "para limpar a cena", segundo Cássio, a cidade de São Paulo foi registrada desde 1988, à noite.

O resultado desta aventura é o livro "Noturnos - São Paulo", lançado pela editora Bookmark no dia 24 de setembro, na galeria Vermelho, que inaugurou uma exposição no mesmo dia com as 90 imagens da publicação. As fotos expostas poderão ser vistas até dia 19 de outubro. O livro, que tem textos introdutórios do crítico de fotografia Rubens Fernandes Junior e do organizador do projeto Arte/Cidade, Nelson Brissac, também será distribuído mundialmente a partir de novembro, pela editora Dap.

Para a exposição, os originais foram escaneados e impressos com jato de tinta sobre papel de algodão, usado para gravura. Sua característica porosa dá um aspecto de profundidade às cores. O tamanho é 30cm x 30cm, um formato possível de trabalhar longe dos laboratórios de fotografia: "Eu sempre ampliei as fotos porque, além do custo ser menor, eu posso controlar a qualidade de produção. A impressora fica aqui no estúdio."

Mas por que a polaroid? Cássio acredita que seu efeito é único: "A textura é muito específica, e as cores vêm mais saturadas. Isso sempre me fascinou na polaroid, além do seu caráter instantâneo". Por ser um veículo instantâneo que produz imagens descartáveis, a polaroid tem uma contribuição direta na saturação de imagens, no excesso de informação que uma cidade carrega.

É interessante, porém, notar que a partir destas imagens descartáveis, feitas para o consumo imediato, as fotos de Vasconcellos alcançam um sentido de permanência. A foto deixa de ser um registro de percepção imediata do cotidiano. "Eu gosto disso na fotografia, do poder de transformação que ela tem. Eu procuro me situar entre o real e o imaginário."

As séries anteriores de Cássio Vasconcellos mostram a versatilidade com que lida com suas imagens. Cássio experimenta constantemente diversas linguagens fotográficas e abandona aos poucos as influências mais diretas sobre seu trabalho. Quando começou a fotografar, há quase 20 anos, apoiou-se nos clássicos, como Andre Kertesz ou Man Ray. "Hoje em dia sou muito intuitivo. Cada trabalho acaba sendo uma busca muito pessoal: as séries 'Navios' (1989) e 'Paisagens Marinhas' (1993-1994) foram colagens; nas 'Panorâmicas' (1993-2000) utilizei fita adesiva. Tem também a questão da fragmentação. Por exemplo, no Arte/Cidade de 94 eu parti de várias imagens e fiz uma colagem. E agora, no Arte/Cidade deste ano, fiz o caminho inverso: eu transformei uma imagem panorâmica em várias, em fragmentos".

Este caráter experimental exige uma grande atenção na escolha certa dos materiais e sua forma de aplicação. Utiliza diversos instrumentos para criar as imagens, desde câmeras a papéis de impressão. Cássio, porém, na busca da verdadeira essência da imagem, assume uma postura cética com relação ao seu modo de produção. Diz: "A técnica em si prende o fotógrafo, eu tento me libertar dela o máximo possível. Eu não sou técnico, apesar deste tipo de conhecimento gerar justamente um desprendimento. Eu aprendi muito através do meu trabalho com a publicidade. Ela funciona como um suporte, mas jamais direcionaria minhas fotos".

É curioso notar como Cássio, tão virtuoso nos seus efeitos fotográficos, desconfie tanto dos meios para criá-los. Fotografar com uma câmera "antiga dos anos 70", sem grandes recursos tecnológicos que é a polaroid, não deixa de ser uma escolha técnica. O olhar artístico é construído através dos meios de produção. Embora Cássio acredite na liberdade intuitiva para compor uma imagem, o fator técnico é o que dá força a seu trabalho.

O tema "cidade" é uma constante em seu universo fotográfico. Cássio relança o espaço através da fragmentação. São Paulo se desdobra na penumbra, na ausência de pessoas e do movimento. Os

ângulos escolhidos por ele revelam isso. Há uma busca pelo desprendimento das construções, dos monumentos da cidade que julgamos conhecer, que pontuam nosso cotidiano. As ruas, os edifícios conhecidos mantêm um anonimato.

A metamorfose da cidade é quase completa, não fosse por um “fragmento” ou outro que se deixa reconhecer sutilmente em algumas imagens. O Estádio do Pacaembu ou a Marginal do Pinheiros, por exemplo, através do olhar de Cássio, ganham uma extensão de novos significados. Surge um espaço mais abstrato. E, apesar da aparência fragmentada das fotos, cria-se uma uniformidade através de cores intensas.

Na foto do Estádio do Pacaembu, o céu aparece inteiramente sem nuvens e esverdeado. Cortado como numa colagem, esse céu separa-se do estádio, que agora é apenas uma construção azul. Esta junção de elementos pictóricos causa impacto: o verde *versus* o azul, que contrastam com o fundo de prédios iluminados. Já na foto da Marginal do Pinheiros, o vermelho intenso tão preciso é quase um desenho. Não há mais a imagem nítida de uma cidade noturna. A construção que corre atrás é apenas uma lembrança material na cena.

Essa reprodução física do que está oculto é sedutora. E a noite evoca naturalmente o incerto, a imprecisão das formas. Justamente por esta ausência do que nos é familiar, as fotos são desprovidas de memória. São, porém, carregadas emocionalmente. A atmosfera das fotos de Cássio é onírica, misteriosa, segundo ele, mas livre de nostalgia.

Lucrecia Zappi

É jornalista e vive em São Paulo.